

IMPOLIDEZ EM INTERAÇÕES ONLINE NO FACEBOOK

IMPOLITENESS IN ONLINE INTERACTIONS ON FACEBOOK

Ricardo Rios Barreto Filho
UFPE

RESUMO: A interação por meio de sites de redes sociais é uma realidade na contemporaneidade, e, nesse contexto, não são incomuns relatos de agressões e ofensas presentes nas novas mídias digitais. Por essa razão, dedico-me, neste trabalho, a investigar o funcionamento dos ataques verbais (na maioria das vezes multimodais) no *Facebook*. Em vista do exposto, pretendo apresentar um estudo exploratório sobre a impolidez, neste site de redes sociais, a fim de diferenciar um caso de impolidez genuína e um caso de impolidez simulada (CULPEPER, 2011 p. 207). Para tanto, utilizo o aparato teórico vindo dos estudos da (im)polidez de abordagem sociointeracional, notadamente Eelen (2001), Watts (2003), Spencer-Oatey (2005), Culpeper (2011) e Culpeper e Hardaker (2017), por meio dos quais apresento a análise de duas interações no *Facebook* que ilustram o propósito desse trabalho. Os resultados aqui apresentados indicam a necessidade de sempre observar aspectos relacionados ao co-texto e contexto de interação em consonância com a análise das escolhas linguísticas dos interactantes nos estudos da impolidez.

Palavras-chave: interação; linguagem online; impolidez; agressão; impolidez simulada

ABSTRACT: The interaction by the means of social media websites is a contemporary reality, and, in this context, it is not uncommon to see stories of aggressions and offenses in interactions in social networking web pages. For that reason, in this paper, I focus on the settings of the verbal (mostly multimodal) attacks on Facebook. For that, I present this exploratory study regarding the impoliteness in this social network website, so that it is possible to differ two phenomena: genuine and mock impoliteness. In order to meet this goal, I analyze two online Facebook interactions that illustrate the purpose of this paper in the light of sociointeractional approaches of (im)politeness, namely Eelen (2001), Watts (2003), Spencer-Oatey (2005), Culpeper (2011) e Culpeper e Hardaker (2017). The results in this paper indicate the need of always taking into account aspects related to the co-text, interactional context and language choices for the analysis of impoliteness.

Key words: interaction; online language; impoliteness; aggression; mock impoliteness

1. INTRODUÇÃO

Numa sociedade cada vez mais digitalizada, as interações online parecem se tornar cada vez mais presentes na vida dos brasileiros. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídias – PBM 2016 (BRASIL, 2016), a internet é a segunda mídia mais utilizada no país tendo aparecido como primeiro ou segundo meio de comunicação preferido por 49% dos respondentes, atrás apenas da TV.

Uma das atividades mais comuns no uso da internet é a navegação em sites de redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram, Google +*). A PBM 2015 (BRASIL, 2015) mostrou que, dentre aqueles que

se declararam internautas, 92% fazem uso de algum site de redes sociais ou aplicativo de mensagens instantâneas. Nesse contexto, o Facebook lidera em número de usuários com 83% sendo seguido pelo Whatsapp com 58%.

Considerando esses dados, podemos observar que a internet e os sites de redes sociais têm se consolidado cada vez mais como meio de comunicação no Brasil, o que justifica, portanto, o surgimento de pesquisas que visem à investigação dessas novas formas de interação mediadas pelas novas tecnologias. Dessa maneira, cabe-nos, enquanto estudiosos da linguagem, pesquisar como se caracteriza a interação mediada por recursos digitais. Neste artigo, interessa-me particularmente investigar como a impolidez genuína e simulada podem ser identificadas nas interações online no Facebook.

A (im)polidez é um fenômeno linguístico-discursivo estudado prioritariamente por duas áreas da Linguística, a Pragmática e a Sociolinguística Interacional (EELLEN, 2001). As diversas abordagens de estudo da (im)polidez conceituam o seu objeto de estudo de forma particular, por essa razão é necessário definir, neste trabalho, o que quero dizer quando uso o termo (im)polidez.

Adoto aqui o conceito de (im)polidez como avaliação de discursos, segundo o qual as pessoas, ao interagirem, avaliam e classificam os discursos em um continuum de categorias: polidos, impolidos, gentis, rudes, grosseiros, amigáveis, exageradamente polidos, ofensivos etc. Portanto, a abordagem da (im)polidez aqui adotada é necessariamente discursiva no sentido de que entende-se que escolhas linguístico-discursivas ganham avaliações de (im)polidez no fluxo da interação.

A impolidez mais especificamente está relacionada às avaliações negativas desse continuum. Situações de impolidez, conforme explica Culpeper (2011), estão intimamente relacionadas a emoções negativas como raiva, humilhação e desgosto e são engendradas a partir do conflito das expectativas com as situações de fato vivenciadas.

Dentro desse quadro, o autor ainda aponta para a possibilidade de haver uso de escolhas linguísticas convencionalmente associadas à impolidez, porém com um objetivo diferente de gerar ofensa. A literatura da área costuma nomear esses casos como impolidez simulada¹, a qual está normalmente ligada ao uso de fórmulas convencionalizadas de impolidez para gerar situações de humor ou indicar um sinal de intimidade entre interlocutores.

O objetivo deste trabalho é, portanto, realizar uma investigação de dois casos de impolidez no Facebook, em que um se trata de impolidez genuína e outro de impolidez simulada. Com vistas a esse objetivo, apresento uma pesquisa exploratória com caráter qualitativo e interpretativista, por meio do qual observo as estruturas linguísticas e as reações visíveis dos participantes das interações para sustentar as conclusões obtidas através da análise. A amostra desse artigo é composta por dois textos online, marcados como público, publicados em atualizações de status de perfis pessoais no Facebook. Ambos os textos possuem comentários de interlocutores que se conhecem na vida offline, mais informações sobre os dados da amostra são apresentados na seção 4.

Em vista do exposto, o trabalho está dividido em 5 seções, além da introdução: 2) aspectos teóricos sobre os estudos da impolidez a serviço da análise proposta no artigo; 3) caracterização da interação no Facebook; 4) procedimentos metodológicos para seleção, coleta e tratamento dos dados;

¹ Esse termo se trata de uma tradução do conceito de *mock impoliteness* utilizado por Culpeper (2011 p 207)

5) Análise de dois exemplos de impolidez, um de genuína e outro de simulada, em interações no Facebook; 6) considerações finais do trabalho de pesquisa.

2. ESTUDOS DA (IM)POLIDEZ

Os estudos sobre a impolidez, na Linguística, são originados, na verdade, da preocupação com a polidez, de modo que é quase impossível falar de uma sem considerar a outra, principalmente em relação aos primeiros estudos acerca daquele fenômeno, quando a impolidez era concebida como ausência de polidez. A preocupação com a polidez linguística, nesse contexto, iniciou dentro dos estudos da Pragmática com forte inspiração da Teoria dos Atos de Fala de Austin (1992) e Searle (1979) e do Princípio da Cooperação de Grice (1975).

Os pioneiros nos estudos da polidez estavam preocupados em compreender porque violamos, em vários momentos, as máximas conversacionais que constituem o Princípio da Cooperação, a saber: quantidade (não fale mais que o necessário), qualidade (fale informações verdadeiras), relevância (seja relevante ao objetivo central da mensagem), maneira (seja objetivo e evite a ambiguidade). Para Lakoff (1973), a violação é explicada por meio do Princípio da Polidez, segundo o qual, os falantes buscam manter relações harmoniosas e evitam conflitos.

Para esta autora, há situações em que é mais importante considerar o status social dos participantes de uma interação do que o conteúdo proposicional do enunciado. Por essa razão, há situações em que o Princípio da Polidez tem mais destaque do que o Princípio da Cooperação. Segundo essa perspectiva vinda da pragmática tradicional, os estudos da polidez devem encontrar estratégias ou máximas que expliquem e ilustrem escolhas linguístico-discursivas que sirvam para garantir a polidez, vista como atenuação de conflitos inerentes à linguagem. Ganham notoriedade nesse contexto os trabalhos de Brown e Levinson (1987) e Leech (1983), que se dedicaram a estudar estratégias e máximas de polidez respectivamente.

Por meio desse aparato teórico, a impolidez – usar a linguagem para causar conflitos – foi quase que esquecida, pois, de maneira geral, as primeiras abordagens de estudo da polidez consideravam a impolidez como um comportamento anômalo, ou seja, a ausência de um princípio básico para interação humana. Esse ponto de vista evitou, por algum tempo, que a impolidez pudesse ter um tratamento sistemático dentro da Linguística.

No entanto, na década de 90, surgiu uma das primeiras tentativas de trabalho sistemático com a impolidez em Culpeper (1996). Neste trabalho, o autor desenvolve a ideia de estratégias de ataque à face, o que se caracteriza como a tentativa de olhar o outro lado da moeda da polidez (preservação de face).

O modelo do autor fazia referências claras ao trabalho de Brown e Levinson (1987), fortemente atrelado ao conceito de racionalidade, preservação de face (ataque no caso da impolidez) e dos atos de fala. Ambos os modelos, tanto o de polidez (BROWN E LEVINSON, 1987) quanto o de impolidez (CULPEPER, 1996) são criticados em função de problemas semelhantes, dentre eles: 1) o foco demasiado na forma, pois essas teorias caracterizam-se por descreverem escolhas linguísticas

associadas a estratégias de atenuação ou agravamento de atos de fala, o que acaba tratando nuances de sentido como ironia, sarcasmo e (im)polidez simulada² como meras exceções a regras; 2) o foco quase que exclusivo no falante, pois não há teorização complexa sobre a percepção, por parte dos ouvintes, acerca das escolhas linguísticas eleitas pelos falantes; 3) ter o enunciado como unidade de análise, deixando de lado porções maiores de discurso e dados contextuais situados.

Em meio ao surgimento dessas críticas, apareceram abordagens que se propunham a resolver alguns desses problemas, as chamadas abordagens discursivas. Mills (2011) explica que esses modelos teóricos se apóiam em diversas tendências da Linguística e outras ciências para possibilitar uma análise de contextos situados da (im)polidez.

Nesse quadro, destacam-se os trabalhos de Eelen (2001), Watts (2003) e Spencer-Oatey (2005). Um traço em comum desses autores é o foco na avaliatividade, conceito que destaca a natureza avaliativa da (im)polidez:

Diariamente, a (im)polidez ocorre nem tanto quando o falante produz o comportamento, mas quando o ouvinte avalia o comportamento [...] *a essência da (im)polidez está nesse momento avaliativo*. Mesmo que haja ouvintes avaliando falantes, falantes avaliando a si próprios, ou informantes avaliando falantes hipotéticos ou enunciados, esse momento avaliativo sempre estará presente. De fato, na prática este parece ser o único jeito que a (im)polidez possa ser estudada. *A avaliação é, portanto, a maneira primordial de ser da (im)polidez*.³ (EELLEN, 2001, p 109)

As palavras de Eelen (2001) são fundamentais para a maneira como a (im)polidez é aqui compreendida, pois, em vez de considerá-la como um sistema de preservação ou ataque da face de interlocutores, compreendo, com base no autor, a (im)polidez como uma forma de avaliação social dos discursos. Dessa maneira, são importantes, não somente as escolhas linguísticas feitas por determinados falantes, mas principalmente a forma como elas são avaliadas a partir de critérios estabelecidos no contexto interacional.

Em vista do exposto, podemos pensar numa análise sociointeracional da impolidez, ou seja, que não está focada apenas em descrever estratégias consagradas na língua para minimizar ou iniciar conflitos, mas principalmente em descrever como as escolhas linguísticas são avaliadas dentro de um contexto sociointerativo situado. Nessa conjuntura, Spencer-Oatey (2005 p 97) explica que a (im)polidez é “o julgamento subjetivo que as pessoas fazem acerca da adequação social de comportamentos verbais e não-verbais”. Por sua vez, Watts (2003 p 168) defende que “[as] estrutura linguísticas não denotam polidez por si mesmas, mas se prestam à interpretação individual em instâncias de fluxos de interação verbal”.

As abordagens discursivas destacam, portanto, a importância de observar contextos situados no estudo da impolidez. Por meio dessa observação, podemos perceber que o foco muda, pois enquanto as abordagens de base pragmática preocupam-se em descrever estratégias e máximas associando-as a escolhas linguísticas, as abordagens discursivas preocupam-se em demonstrar como falantes comuns

² A impolidez simulada será particularmente tratada na seção 5.1 deste trabalho.

³ Tradução minha, ênfase minha.

evidenciam no discurso as suas avaliações de (im)polidez.

Com isso, julgo relevante considerar que as diversas abordagens de estudos da (im)polidez – de base pragmática ou discursiva – não são, na verdade, antagônicas, mas sim complementares, no sentido de que apresentam objetivos diferentes. Enquanto as abordagens pragmáticas desenvolvem teorias preditivas que buscam compreender a polidez antes mesmo que ela aconteça, as abordagens discursivas apresentam análises *ex-post-facto* de situações de (im)polidez.

Culpeper (2011) propõe uma linha de estudo intermediária com a qual possamos apresentar estudos da impolidez de forma abrangente, em que tanto as escolhas linguísticas quanto o contexto discursivo sejam levados em consideração. O autor observa que podemos pensar em formas convencionalizadas de impolidez, que se caracterizam como estruturas linguísticas comumente usadas para causar ofensas.

Conforme destacamos acima, o mesmo autor, em Culpeper (1996), propôs um quadro de estratégias de ataque à face fortemente influenciado pelo modelo de preservação de face de Brown e Levinson (1987). No entanto, devemos observar que a concepção de estratégias e de fórmulas convencionalizadas de impolidez são conceitos distintos nas suas concepções.

De um lado, as estratégias de ataque à face se caracterizam por serem construtos teóricos vindos da reflexão anterior à análise de dados reais de impolidez. Podemos dizer que o modo de processamento das estratégias de ataque à face obedece a uma lógica *top-down*, ou seja, as estratégias são criadas na teoria para serem aplicadas aos dados. Por outro lado, as fórmulas convencionalizadas de impolidez são constituídas por meio do processamento *bottom-up*, pois essas escolhas linguísticas advêm da observação e catalogação de expressões linguísticas usadas em situações de impolidez.

Segundo Culpeper (2011), os dados de impolidez podem ser caracterizados a partir da observação dos seguintes aspectos:

1. Emoções: a impolidez normalmente é associada a sentimentos como raiva, humilhação, desgosto, revolta etc.
2. Metalinguagem: é possível que, em situações de impolidez, apareçam termos que demonstram avaliação impolida da linguagem como rude, grosseiro, agressivo, ofensivo etc.
3. Co-texto: porções mais abrangentes de texto – não apenas expressões normalmente associadas à impolidez – podem demonstrar avaliações de impolidez.
4. Comentários retrospectivos: comentários de interactantes após a interação.⁴
5. Certas reações não verbais: especialmente na linguagem oral, é comum que certos gestos, expressões faciais e prosódia estejam associados à impolidez, nas interações *online*, por sua vez, os emoticons, emojis e memes também são recursos não verbais que podem estar associados à impolidez.
6. Fórmulas convencionalizadas de impolidez: expressões linguísticas normalmente asso-

⁴ Esses comentários são achados principalmente em relatos de (im)polidez, quando informantes de pesquisa são solicitados a reportarem situações de (im)polidez já vivenciadas. Culpeper (2011) fez um uso extensivo desse tipo de instrumento de pesquisa.

ciadas a contextos de impolidez.⁵

Para caracterização das fórmulas convencionalizadas de impolidez, Culpeper (2011) analisou situações em que a impolidez parecia ser um padrão, como, por exemplo, em programas de TV de “baixaria”, grafites e treinamentos militares em inglês britânico. O quadro 1 abaixo resume as fórmulas catalogadas por Culpeper (2011) traduzidas para língua portuguesa:

Quadro 3: Fórmulas convencionais de impolidez⁶

Fórmulas convencionais de impolidez	Exemplo
Insulto (vocativos negativos personalizados)	seu idiota
Insulto (afirmações negativas personalizadas)	you é uma puta
Insulto (referências negativas personalizadas)	no seu cu
Insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)	aquela tapada
Crítica/reclamação acentuada	Isso tá uma merda
Desafio, perguntas ou pressuposições desagradáveis	Por que você faz a minha impossível?
Arrogância	Você está sendo infantil
Reforços de mensagens	Escuta aqui!
Dispensas	Vai se foder (no sentido de sai daqui)
Silenciadores	Cala tua boca
Ameaças	Eu vou dar um tiro na porra da tua cabeça se você tocar no meu carro
Maldições e maldizeres	Vá tomar no cu

Retirado e traduzido de Culpeper (2011 p 135-6)

Conforme explicado acima, esse quadro foi desenvolvido a partir da observação de dados da língua inglesa, particularmente o inglês britânico, principal objeto de estudo de Culpeper (2011). No entanto, essas fórmulas convencionalizadas de impolidez também podem ser usadas para inspirar análises em outras línguas, conforme veremos nas análises deste trabalho.

Particularmente, acredito que as fórmulas convencionalizadas de impolidez podem ser observadas em interações em português brasileiro, mesmo porque essas fórmulas não são um modelo finito

⁵ Culpeper(2011) chama atenção que as fórmulas *per se* são indícios fracos de que uma interação seja caracterizada como impolidez, pois costumeiramente elas são usadas em situações de impolidez simulada, conforme veremos na seção 5.1.

⁶ O quadro traz nos seus exemplos bastantes palavras de baixo calão, contudo é importante considerar que as fórmulas convencionalizadas de impolidez não se restringem à presença de palavrões.

de análise. O tratamento das fórmulas pode nos oferecer uma postura minimamente prévia em relação ao nosso objeto de estudo. Não obstante, é sempre a relação entre escolhas linguísticas e aspectos sociointeracionais que poderá fornecer uma análise mais complexa das avaliações da (im)polidez nas interações. Na seção 4, demonstro, por meio das análises, como as fórmulas convencionalizadas de impolidez podem contribuir para uma abordagem sociointeracional do fenômeno em questão

3. ASPECTOS DA INTERAÇÃO NO FACEBOOK

O Facebook é um website de redes sociais que foi fundado no ano de 2004 por um grupo de estudantes da Universidade de Harvard. No início, a página virtual era utilizada apenas por poucos usuários, para facilitar a comunicação entre estudantes universitários. No entanto, com a popularização da Web 2.0, que estabeleceu novos padrões de uso da tecnologia por meio dos quais os usuários começaram a ter postura mais ativa na produção de conteúdo *online*, o Facebook passou a ter cada vez mais usuários chegando à marca de 1 bilhão de pessoas conectadas em 27 de agosto de 2015, de acordo com os números apresentados pela página da própria companhia⁷.

Conforme mostram Barton e Lee (2013), o Facebook se organiza a partir de perfis de usuários, chamados de linha do tempo. Ao escreverem atualizações nas suas linhas do tempo, os usuários também colocam esses textos disponíveis no *feed* de notícias dos seus amigos e seguidores. Esses dois espaços (*feed* de notícias e linha do tempo), apesar de interrelacionados, apresentam diferenças em relação às suas funções.

A linha do tempo apresenta textos escritos, compartilhados ou direcionados a um mesmo usuário. Por outro lado, o *feed* de notícias se trata de uma coletânea de textos produzidos, compartilhados ou curtidos por usuários relacionados (amigos ou seguidos). Há ainda particularidades como a presença de propagandas, textos patrocinados e a possibilidade de ocultar textos compartilhados por determinadas pessoas, seja pela exclusão de um usuário da rede de amigos ou a possibilidade de deixar de seguir algum outro usuário sem que ele saiba.

Em relação às modalidades da linguagem vistas no *feed* de notícias, pode-se encontrar textos multimodais com a presença de áudio, vídeo e imagem, inclusive retiradas de outros sites de redes sociais como o *Instagram*, *Twitter* e *YouTube*. Neste trabalho, analisaremos espaços de escrita específicos do Facebook, as atualizações de status, ou simplesmente os *posts*, os comentários e réplicas.

Segundo Barton e Lee (2013, p 55), os espaços de escrita são os lugares em que os textos *online* são produzidos. Esses espaços apresentam ao usuário comum, que não necessariamente tem grandes conhecimentos técnicos, a possibilidade de produzir textos para serem compartilhados na internet. No Facebook, alguns espaços de escrita são: 1) o *inbox*, que se trata de compartilhamento de mensagens instantâneas privadas; 2) os comentários e réplicas de comentários, que podem ser feitos sobre os textos de outras pessoas; 3) as atualizações de status ou *posts*, quando o usuário atualiza a sua linha do tempo ao mesmo tempo que alimenta o *feed* de notícias dos seus amigos e seguidores. Os três espaços de escrita tratados nessa pesquisa (posts, comentários e réplicas) estão ilustrados na Figura 1:

⁷ Conforme o link: https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page_internal

Figura 1: espaços de escrita no Facebook



Fonte: acervo pessoal

Outra característica importante na interação online, por meio dos sites de redes sociais, é que o que está disponível ao usuário não é uma página em branco, conforme observam Barton e Lee (2013 p 29). Os próprios espaços de escrita são exemplos de limitações impostas aos usuários nas suas práticas.

Com isso, podemos concluir que o modo de escrita nas redes sociais é parcialmente livre, pois há limitação impostas pelo *design* do *website*. Contudo, vale destacar que essas limitações não conseguem fazer o controle total dos participantes das redes sociais, pois os usuários podem criar possibilidades de uso que não eram previstas no momento de sua estruturação.

Sobre esse assunto, Barton e Lee (2013 p 28) destacam o conceito de *affordances* que se caracteriza como “[as] possibilidades e limitações para ações que as pessoas seletivamente percebem em qualquer situação”. Esse conceito, advindo da abordagem ecológica da percepção, pode ser usado para explicar as práticas de linguagem de usuários do Facebook, que ora obedecem aos limites impostos pelo design do *website*, ora (re)criam possibilidades de interação não previstas. Podemos considerar, por exemplo, o uso do Facebook para fins educacionais, pois a plataforma não é pensada/desenhada para tal, mas pode ser (e é) vastamente utilizada como recurso didático – uma possibilidade de uso não pré-estabelecida pelos *designers*.

Em vista do exposto, podemos compreender o Facebook como um espaço de interação que

apresenta infinitas possibilidades de uso, pois não podemos determinar com exatidão todos os *affordances* percebidos pelos usuários. Contudo, não se pode desconsiderar, ao analisar interações em sites de redes sociais, que há características limitadoras desses ambientes, notadamente: os espaços de escrita disponíveis e as funcionalidades pensadas pelos designers (curtir, reagir, usar memes, a possibilidade de excluir ou deixar de seguir usuários, entre outros, no caso do Facebook).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE COLETA, SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Os dois exemplos analisados neste trabalho fazem parte do banco de dados do projeto “*Avaliações da (Im)polidez em Interações no Facebook*”, autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco, sob o CAAE de número 84947518.7.0000.5208. Todos os textos utilizados, aqui e no projeto, são marcados como públicos, portanto, estão disponíveis a todos os usuários que tenham acesso ao Facebook, o que não obriga que o pesquisador colete autorizações dos usuários para o uso em pesquisas.

No entanto, por questões de responsabilidade ética, todos os dados foram editados para retirar nomes, imagens e referências que possam identificar de alguma forma os usuários participantes das interações. Por essa razão, os autores dos *posts* serão identificados como “autores do post”, e os demais usuários que comentaram nos textos serão nomeados de “comentador(a)” 1, 2, 3 e assim sucessivamente, conforme a ordem cronológica de aparecimento na interação. Os dois exemplos, aqui analisados, são de grupos de pessoas diferentes.

Não foram feitas demais edições nos textos, além daquelas já apontadas. Portanto, as escolhas linguísticas, abreviaturas e emojis foram todos empregados pelos autores(as) das postagens, comentários ou réplicas. Os gêneros dos autores(as) dos *posts* e comentadores(as) foram igualmente mantidos para corresponder aos dos usuários reais. Os termos em **negrito** e **sublinhado** correspondem a hiperlinks nos textos originais.

Os critérios para seleção dos dados foram: 1) que os textos fossem marcados como públicos; 2) que tivessem sido publicados em páginas de perfis pessoais como atualização de status; 3) e que os participantes conhecessem uns aos outros nas suas vidas pessoais.

O primeiro critério foi estabelecido por questões éticas, por isso apenas o uso de textos considerados públicos, para que não sejam usados textos privados. Além disso, os dados foram coletados exclusivamente em páginas pessoais para manter o uso da linguagem corriqueira, e evitar o surgimento de uma linguagem comercial ou publicitária, a qual afetaria na questão da (im)polidez. Também foi estabelecido como critério que os interactantes necessariamente se conhecessem na vida offline para padronizar minimamente o grau de envolvimento entre os interlocutores.

No primeiro texto, todas as participantes são mulheres, de aproximadamente 20 anos de idade, que frequentam a mesma universidade e cursam a mesma área. No segundo exemplo, há uma discussão sobre política, em que participam dois homens, o Autor do post de aproximadamente 30 anos e o Comentador 1 de aproximadamente 50 anos.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

6.

6.1. A IMPOLIDEZ SIMULADA

O exemplo logo abaixo é um *post* no Facebook feito por uma usuária que reclama de outros usuários que dão indiretas ou perguntam e falam assuntos desagradáveis no Facebook:

<i>Post</i>	<p><u>Autora do post:</u></p> <p>Aff, vsf todos vcs que ficam dando indiretas, perguntando e falando merda no face, vão pra merda, losers -.-’</p>
Comentários:	
1	<u>Comentadora 1:</u> kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk vou postar uma indireta agora pra tu!
2	<u>Autora do post:</u> Sai daê cural hdaushduashda 😊.P
3	<u>Comentadora 2:</u> cural foi fods...hahahah
4	<u>Comentadora 3:</u> kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk gírias de CIDADE DO INTERIOR 😊 :P hahahaha

O tom da Autora do *post* sugere inicialmente impolidez e agressão, justificada pelo uso de fórmulas convencionais da impolidez (CULPEPER, 2011), como por exemplo: os maldizeres “vsf” – abreviação para “vá se foder” – e “vao [sic] pra merda”; e o insulto (vocativos personalizados) “*losers*” – perdedores em língua inglesa. Além disso, a presença da interjeição “aff” e do emoticon “-.-’” demonstram formas convencionais da linguagem online para expressar impaciência e irritabilidade, emoções negativas que normalmente acompanham situações de impolidez.

Apesar das escolhas verbais e não-verbais destacadas acima, podemos observar que os comentários apresentam marcas que indicam um tom de humor e brincadeira, haja vista o uso de estruturas linguísticas e imagéticas que representam risos (kkkkkkk, ashduashda e hahahaha) e um tom de brincadeira (😊.P). Essas estruturas parecem suavizar o tom das fórmulas convencionalizadas de impolidez nos comentários 1 (ameaça) e 2 (dispensa).

Ao considerar o texto do *post*, percebem-se indícios de impolidez e agressão verbal, justificada pelas escolhas verbais e não-verbais destacadas acima, no entanto, a análise do co-texto (comentários) demonstra que, na verdade, a interação não foi avaliada como impolida pelas comentadoras, mas como engraçada associada ao sentimento de bom humor, sobretudo se considerarmos a réplica da autora do post que sinaliza para um tom de brincadeira. A análise dessa interação ilustra um dos pontos defendidos anteriormente, com base nas abordagens discursivas da (im)polidez (WATTS, 2003; SPENCER-OATEY, 2005), o de que as avaliações da (im)polidez não são feitas apenas por meio da identificação de fórmulas verbais convencionalizadas. Nesse caso em particular, ficam em evidência a presença de marcas imagéticas como os emoticons e marcas típicas da internet (kkkkkkk, hahahah, aff), que conferem ao texto um tom de humor em detrimento a uma percepção séria de impolidez.

Além disso, são permitidas, a partir da leitura do texto, algumas interpretações sobre o contexto,

como, por exemplo, a de que as usuárias – tanto a autora quanto as comentadoras – conhecem-se e demonstram certo sinal de intimidade. Esse texto ilustra um caso de impolidez simulada (CULPEPER, 2011 p 207), pois as participantes, embora façam uso de escolhas verbais e não-verbais que normalmente demonstram impolidez, na verdade, não provocam ataques e agressões verbais, pois apresentam um efeito contrário e positivo.

Não obstante, é válido destacar que é impossível garantir que a percepção de impolidez simulada seja unânime em relação a todos os usuários que tenham acesso a esse *post*. Conforme sabemos, as interações no Facebook podem ter uma audiência muito grande em comparação às interações presenciais face a face. Potencialmente, qualquer usuário cadastrado no Facebook pode ocupar a função de ouvinte. Por essa razão, deve-se destacar que é possível encontrar outras pessoas que se sintam ofendidas pela publicação da autora do *post*. Embora não tenhamos o controle preditivo em relação às avaliações que podem ser feitas sobre um texto; enquanto analistas, podemos destacar as avaliações visíveis dos interactantes por meio da análise das interações e das reações visíveis dos interlocutores. Por isso, neste caso, podemos sustentar que a avaliação dos interlocutores não foi de impolidez, uma vez que os comentários apresentam marcas de interação baseada no humor, tipicamente relacionado aos casos de impolidez simulada, definidos por Culpeper (2011).

6.2. A IMPOLIDEZ POR MEIO DE FÓRMULAS CONVENCIONAIS

No segundo exemplo, o autor do *post* compartilha uma notícia que foi bastante divulgada nas mídias digitais por vários usuários durante a prisão do ex-presidente Lula. Sobre esse momento histórico, é importante considerar, como um dado contextual importante, a grande controvérsia sobre o assunto, pois esse fato foi apreciado de forma positiva ou negativa, a depender da postura política adotada de quem compartilhava e lia as notícias, conforme ilustra a interação abaixo.

No Facebook, um dos *affordances* praticados pelos usuários são os debates de temas políticos que podem apresentar diversas características tanto de polidez quanto de impolidez. Nesse debate específico, o autor do *post* compartilha uma notícia sobre um rapaz que, de acordo com o título do texto compartilhado, teria atacado a caravana do ex-presidente Lula. No subtítulo da notícia, é criada uma apreciação negativa da atitude do rapaz que realizou, de acordo com a notícia, o ataque à caravana do ex-presidente, apesar de ter, alegadamente, se beneficiado dos programas sociais promovidos por Lula quando presidente.

A questão controversa (requisito para um debate) que dá início à discussão entre o autor do texto e o comentador 1 diz respeito à afirmação de que a atitude do rapaz representa o analfabetismo político, conforme demonstra a primeira frase do comentário 1:

<p><i>Post</i></p>	<p>Autor do post compartilhou uma <i>post</i>:</p> <p>Aluno que atacou caravana de Lula diz amar escola criada pelo ex-presidente</p>  <p>Depois de hostilizar caravana no Rio Grande do Sul, aluno que faz três cursos em escola federal criada por Lula diz amar a instituição. Exemplo é emblemático por revelar nível do analfabetismo político que assola o País</p>
<p>Comentários:</p>	
<p>1</p>	<p>Comentador A: <u>Analfabetismo político seu!</u>¹ O que Lula, ou qualquer outro governante, fez em benefício do povo foi pura e simplesmente só uma obrigação institucional do cargo, não um motivo para idolatria! Lembre-se que <u>Hittler também fez muita coisa em prol do povo alemão</u> por isso por eles foi “ungido”, mas o preço dessa idolatria custou caro ao povo alemão. Portanto, <u>parem (você e demais mentes psicóticas) de querer conferir poderes divinos ao apedeuta sem dedo (mais conhecido como Lula), parem de conferir-lhe uma honraria da qual ele não é merecedor.</u> Lula não fez nada por amor ao Brasil, por abnegação e renúncia, mas <u>por pura vaidade e oportunismo criminoso!</u> Por isso já foi condenado em duas instâncias.</p> <p>1.1 Autor do post: Uma obrigação que em 500 anos não havia sido cumprida... Diga-se de passagem... <u>Só esse detalhinho que você esqueceu... Soldadinho de Chumbo. Pare bater continência e lambar as botas dos teus superiores... Ouse pensar por si mesmo.</u></p> <p>1.2 Comentador A: <u>Autor do post</u> Meu amigo, somos exatamente iguais, feito da mesma matéria, ao fim e ao cabo vamos todos descansar sobre 7 palmos. O único detalhe é que o PT te faz pensar que vc tem pensamento autônomo, <u>mas tudo que vc fala é discurso pronto que vc só reproduz e se acha o cara, né!</u></p> <p>1.3 Autor do post: Você mencionou parte dos eventos da vida, a matéria... A energia que nos move ou a alma que nos sustenta é bem distinta... <u>As diferenças entre mim e você não estão apenas no campo do concreto, mas principalmente do ideológico e do espiritual...</u></p>

São evidenciados no texto bastantes fórmulas convencionalizadas de impolidez, a saber:

- No *post*:
 - *insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)*: o termo “analfabetismo político” que pode ser classificado dessa forma, pois, embora não tenha sido direcionado ao comentador 1, parece tê-lo ofendido haja vista a crítica acentuada

no comentário 1.

- No comentário 1:
 - *Crítica acentuada*: a frase “Analfabetismo político seu!”, na primeira linha, direcionada ao autor do *post*, em resposta ao insulto presente no subtítulo do texto compartilhado.
 - *Silenciadores*: o uso das frases verbais iniciadas pelo verbo “parem” no modo imperativo demandando silenciamento de ideias, nas linhas 6 e 8.
 - *Insulto (vocativos imperativos personalizados)*: nos termos “você e demais mentes psicóticas”, na linha 6.
 - *Insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)*: nas frases nominais “ape-deuta sem dedo (mais conhecido como Lula)” e “oportunismo criminoso”, em referência ao ex-presidente Lula, nas linhas 7 e 10 respectivamente.
- Na réplica 1.1:
 - *Arrogância*: na frase “Só esse detalhezinho que você esqueceu”, na linha 2, pois o uso do diminutivo de detalhe parece ser irônico em comparação ao que se refere, uma obrigação de 500 anos. O uso da ironia, nesse caso, parece destacar o alegado desconhecimento dos fatos históricos, por parte do comentador 1, segundo o ponto de vista do autor do *post*, o que acaba por conferir-lhe uma posição de superioridade, ou maior conhecimento.
 - *Insulto (vocativos imperativos personalizados)*: no vocativo “Soldadinho de chumbo”, na linha 3, uma clara referência ao militarismo.
 - *Desafios desagradáveis*: nas frases verbais “Pare de bater continência... Ouse pensar por si mesmo”, nas linhas 3, 4 e 5, outra referência clara ao militarismo.
- Na réplica 1.2:
 - *Crítica acentuada*: no trecho “mas tudo que vc fala é discurso pronto que vc só reproduz e se acha o cara, né!”, nas linhas 5 e 6, em que o comentarista critica o discurso usado pelo autor do *post*.
- Na réplica 1.3:
 - *Arrogância*: no fragmento “As diferenças entre mim e você não estão apenas no campo do concreto, mas principalmente do ideológico e do espiritual...”, nas linhas 3, 4 e 5, cujo sentido implica certa superioridade ideológica e espiritual, por meio de uma clara resposta à alegação de igualdade material feita na réplica 1.2, nas linhas 1, 2 e 3.

Conforme já comentado neste trabalho, e enfatizado na subseção anterior (5.1), a existência das fórmulas convencionalizadas de impolidez não garante por si só que a interação seja avaliada como impolida. No entanto, observamos, nesse exemplo, fortes indícios de impolidez, justificados principalmente pela análise das escolhas verbais associadas ao co-texto e contexto.

Em relação ao co-texto, podemos chamar atenção para estrutura de provocação-reação criada ao longo do diálogo. Primeiramente, podemos observar a clara relação entre a alegação de analfabetismo político, vista como um insulto, no texto compartilhado e a primeira frase do comentário 1, “Analfabeto político é você!”. Mais abaixo, a réplica 1.1 responde, por meio da arrogância, ao comentário 1 insinuando uma falta de pensamento autônomo por parte do comentador 1, quem, por sua vez, devolve “com a mesma moeda”, por meio de uma crítica acentuada, também alegando falta de pensamento autônomo, por parte do autor do *post*, na réplica 1.2.

No que tange ao contexto, a análise também precisa se pautar nos aspectos históricos e ideo-

lógicos que estão atrelados à discussão. Podemos observar que essa estrutura provocação-reação é constituída por uma cadeia de fórmulas de impolidez interrelacionadas discursiva e textualmente, associadas a duas posições político-ideológicas confrontantes. Essa observação é bem ilustrada pelos itens lexicais escolhidos das fórmulas de impolidez presentes nesse exemplo. Parece-me bastante evidente que ambos interactantes direcionam suas ofensas não somente aos seus interlocutores diretos, mas principalmente às ideologias que ambos interactantes trazem consigo.

De um lado o autor do texto materializa suas ofensas por meio de itens lexicais como “soldadinho de chumbo” e “lamber as botas dos seus superiores” que fazem referências ao militarismo. Por outro lado, o comentarista também faz o mesmo por meio da comparação entre Lula e Hitler, do vocativo “você e demais mentes psicóticas” referindo-se não apenas ao seu interlocutor direto, mas todos aqueles que defendem o ex-presidente.

Em vista do exposto, é permitido entender que a impolidez aqui é utilizada como uma forma de disputa histórica e ideológica, ou seja, os interactantes fazem uso da impolidez para disputar sobre quem tem mais conhecimento e autonomia sobre a narrativa de fatos históricos. É válido destacar que a questão que deu início a esse embate verbal diz respeito à discussão entre quem é analfabeto político.

Em relação a essa interação online, é interessante notar que, no Facebook, a impolidez pode ser percebida em *posts* que não são especificamente direcionadas aos interlocutores. Percebamos, por exemplo, que o comentarista 1 pareceu ofendido não exatamente com um insulto a sua pessoa individual, pois o texto não foi direcionado a ele especificamente já que há funcionalidades no Facebook para isso e estas não foram utilizadas pelo autor do *post*.⁸

Outro aspecto interessante dessa interação online foi a ausência de alguns recursos típicos da linguagem online, como por exemplo, o uso de emojis, emoticons e abreviaturas da internet. Esse aspecto particularmente deu um tom mais sério à interação, bastante diferente do caso de impolidez simulada (CULPEPER, 2011 p 207) da seção 5.1. Enquanto a impolidez simulada, aqui analisada, apresentou marcas típicas da internet para conferir certo efeito de humor no texto, esse último exemplo caracterizou-se pelo uso de uma linguagem mais formal e carregada de ofensas de origem político-ideológica utilizadas por parte dos dois interlocutores.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho, por meio de suas análises, demonstrou aspectos importantes para o estudo da impolidez dentro de um quadro voltado para o sociointeracionismo. A análise do primeiro exemplo demonstrou que as estruturas linguísticas *per se* não são capazes de gerar ofensas. O exemplo 1 caracterizou-se como um caso de impolidez simulada (CULPEPER, 2011 p 207) que, embora apresente fórmulas normalmente associadas à impolidez, não parece gerar o efeito de ofensa e emoções negativas nos interactantes, haja vista o encadeamento dos comentários que não apresentaram reações,

⁸ Aqui, refiro-me a funcionalidades que permitem que autores de postagens direcionem suas publicações a algum usuário específico, como é o caso das mensagens privadas, marcação de usuário no texto e publicação na linha do tempo de algum usuário. Todas essas funcionalidades fariam com que o interlocutor pretendido recebesse uma notificação que chama atenção para que leia o texto.

sentimentos e emoções negativas. Essa análise coaduna com a metodologia de estudo da impolidez apresentada em Culpeper e Hadaker (2017), a qual se distancia de estudos mais tradicionais que analisam apenas a produção de estratégias sob o ponto de vista do falante. O exemplo 1 evidencia, nos seus comentários, a interpretação de que o efeito de ofensa não foi gerado, uma vez que a (im)polidez não está presa às estruturas linguísticas, mas atrelada à avaliação (ou julgamento) por parte dos interactantes. As reações visíveis das participantes nesse caso e sua relação de proximidade sustentam a interpretação de que há impolidez simulada e não genuína.

O exemplo 2, por sua vez, demonstrou o processamento da impolidez na interação *online*, pois a análise, assim como no primeiro exemplo, se firma no tripé, proposto em Culpeper (2011) e Culpeper e Hardaker (2017): contexto, co-texto e fórmulas de impolidez. A observação desses três aspectos é o que garante uma análise sociointeracional do objeto de estudo, pois defende que sejam levados em consideração tanto aspectos preditivos (as fórmulas convencionalizadas) quanto aspectos *ex-post-facto* (reações visíveis dos interactantes). Neste segundo exemplo particularmente, o contexto político sustenta a interpretação de que essa interação evidencia impolidez. É implicado que, em função de posicionamentos ideológicos conflitantes, os interlocutores empregam críticas e insultos que atingem não apenas as faces individuais dos interlocutores, mas atacam principalmente posicionamentos político-ideológicos. É, portanto, necessário uma compreensão sócio-histórica do contexto para que o efeito de ofensa seja evidenciado.

Outro ponto a ser destacado diz respeito às questões relacionadas à interação *online* para análises sociointeracionais da (im)polidez. Os dois exemplos analisados demonstram o papel fundamental das funcionalidades que o Facebook apresenta, notadamente: o compartilhamento de textos, o uso e funções de recursos não verbais e os *affordances* vislumbrados pelos usuários de sites de redes sociais, ou seja, as possibilidades e limitações percebidas por eles.

Além dos achados dessa pesquisa, também é possível apontar para a possibilidade de investigações mais detalhadas sobre algumas questões que saltam aos olhos em meio à análise desses dados. Uma delas é a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre o papel da ideologia na impolidez, pois como vimos na análise do exemplo 2, parece que as posições ideológicas criam formas de insulto que extrapolam a ofensa individual. De certa forma, estudar sobre as fórmulas de impolidez criadas a partir de uma determinada ideologia pode apontar conclusões sobre o que é valorizado negativamente por um determinado grupo de pessoas que partilham de visões ideológicas semelhantes.

Tendo em vista essas considerações finais, acredito que o trabalho defende e reafirma a necessidade de abordagens sociointeracionais sobre a (im)polidez, que levem em consideração tanto as escolhas linguísticas quanto as questões contextuais, para que, por exemplo, o conceito de impolidez simulada (CULPEPER, 2011 p 207) seja bem diferenciado dos casos de impolidez genuína. Além disso, esse artigo também ratifica a necessidade de mais estudos sobre (im)polidez em interações *online* em português brasileiro, pois, dessa maneira, haverá conhecimento mais abalizado sobre os hábitos de uso da internet no Brasil.

8. REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J L. *How to do things with words*. Londres: Oxford University Press, 1962. 166 p.
- BARTON, D; LEE, C. *Language Online: Investigating Digital Texts and Practices*. [s.l.]: Routledge, 2013. 208 p.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2015. 153 p. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2017.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2016. 153 p. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 08 ago. 2017.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. New York: Cambridge University press, 1987.
- CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal Of Pragmatics*, [s.l.], v. 25, n. 01, p.349-367, jan 1996. Semestral.
- _____. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- CULPEPER, J; HARDARKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J; KÁDÁR, D; HAUGH, M (Ed.). *The Palgrave Handbook of Impoliteness*. [s.l.]: Palgrave, 2017.
- EELLEN, G. *A critique of politeness theory*. Manchester: St. Jerome, 2001.
- GRICE, P. Logic and Conversation. In: GRICE, P. *Studies in the way of words*. Cambridge: Harvard University Press, 1975. Cap. 1. p. 1-144.
- LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. *Papers from the ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*, 1973.
- LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. New York: Longman, 1983. 250 p
- MILLS, S. Discursive Approaches to politeness and impoliteness. In: LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (Ed.). *Discursive Approaches to Politeness*. [s.l.]: de Gruyter Mouton, 2011.
- SEARLE, J R. *Expression and Meaning: Studies in the theories of Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. 187 p.
- SPENCER-OATEY, H. (Im)Politeness, Face and Perceptions of Rapport: Unpackaging their Bases and Interrelationships. *Journal Of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, [s.l.], v. 1, n. 1, p.95-

119, 1 jan. 2005. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.95>.

WATTS, R J. *Politeness*. [s.l.]: Cambridge University Press, 2003.

Ricardo Rios Barreto Filho

Professor Adjunto de Língua Inglesa e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Letras (área de concentração em Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Letras e graduado em Letras (Português e Inglês) pela mesma universidade. Seus interesses de pesquisa concentram-se em estudos linguísticos sociointeracionistas, (im)polidez e linguagem online. E-mail: riosbarreto@msn.com

Enviado em 30/05/2018

Aceito em 30/06/2018.